



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

A vingança do Sinédrio e o perdão de Estevão: um estudo de caso do discipulado de Jesus

The revenge of the Sanhedrin and the forgiveness of Stephen:
A case study of Jesus' discipleship

Leonardo Canali Kayser*

Resumo

Nossa proposta para neste artigo é analisar o enfoque do autor de Atos ao perdão dispensado pelo proto-mártir Estevão no contexto do seu testemunho e seguimento de Cristo na história de seu martírio em At 7. Neste relato, segundo propomos, o autor coloca Estevão em paralelo com Jesus em sua morte, apresentando-o um discípulo até o fim e até o perdão dos próprios assassinos. Sendo assim, Estevão é mais do que um crente nos ensinamentos de Jesus, ele é seu verdadeiro seguidor e testemunha. A difusão da Boa Nova entre os povos perpassava, não só a cadeia de ensinamentos orais de Jesus que, mais tarde, iriam perfazer um corpo doutrinário, mas também o anúncio através das boas obras entre as quais estava o perdão, um verdadeiro nó para a nossa compreensão da justiça divina.

Palavras-chave

Julgamento de Estevão. Perdão. Discipulado.

Abstract

Our purpose for this paper is to analyse the focus of the author of Acts in the forgiveness given by the proto-martyr Stephen in the context of his testimony and following to Christ in his martyrdom's account in Acts 7. In this story, according to what we propose, the author places Stephen in parallel with in his death, presenting him as a disciple to the end and until the forgiveness of his own assassins. Therefore Stephen is more than a believer of Jesus' teachings, he is his true follower and witness. The spread of the Good News among the peoples permeates not only Jesus' oral teachings but also the announcement through good deeds among which was the forgiveness, a real difficulty for our comprehension to the divine justice.

Keywords

Stephen's judgment. Forgiveness. Discipleship.

[Texto recebido em 14/10/2015 e aceito em 02/09/2016, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc].

* Leonardo Canali Kayser. Mestrando em Teologia pela Faculdades EST. Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CNPq. E-mail: leonardocanalik@gmail.com

Introdução

Em seu relato da história do primeiro martírio cristão, Lucas nos apresenta um fato que choca o nosso senso de justiça: da mesma forma como Jesus, Estevão morreu perdando seus assassinos (“Senhor, não lhes imputes este pecado” – At 7.60; cf. Lc 23.34). Ele colocou o primeiro mártir cristão na trilha do seguimento de Jesus ao apontar diversas similaridades entre mestre e discípulo. E não nos deve passar despercebido o destaque que Lucas dá ao perdão de Estevão no desfecho da narrativa da sua imitação de Cristo e testemunho aos judeus. Destaque este reforçado pelo contraste entre as atitudes da vítima e dos executores, que, por fim, marca a força do perdão e indica o seu lugar no anúncio evangélico. Para o primeiro, era indispensável estender o perdão de Deus a quem quer que fosse, até mesmo aos próprios assassinos – conforme os objetivos da morte vicária de Cristo; já para os segundos, cegados em sua justiça própria, era preciso condenar e executar um blasfemo e extirpar, assim, o mal do meio do povo conforme o mandamento de Dt 17.7.¹ Dessa forma, Lucas apresenta o quadro de como Estevão imitou a Cristo em sua morte, levou o discipulado até a última consequência possível e, ainda que não tivesse morrido pela remissão e perdão de pecados, morreu perdando os pecados pelos quais Cristo já havia morrido.

1

Para Lucas, a Igreja pertence ao mesmo tempo histórico que Jesus. Este não é relegado ao passado, ainda que a igreja de Lucas-Atos seja de segunda geração.² Portanto as comunidades cristãs da obra lucana vivem em continuidade com a vida e obra de Jesus³ e encontraremos similaridades entre os eventos que envolvem ambos – aqueles ao redor de Jesus, no Evangelho, e aqueles ao redor das comunidades, em Atos. Esse paradigma é observado também no texto que trata da morte de Estevão, pois ele é posto numa trilha muito parecida à percorrida por Jesus.

Estevão morre a morte de um mártir inocente como Jesus. Ambos são vítimas dos “homens de dura cerviz” (At 7.51) que sempre perseguiram, ou rejeitaram os representantes de Deus,⁴ começando por José, que fora perseguido pelos patriarcas (7.9), passando por Moisés, rejeitado pelo povo (7.38-41), até chegar aos profetas, perseguidos e mortos pelos “pais” (7.51-52). E os antagonistas de Estevão são da mesma linhagem de pessoas que, ao longo da história de Israel, como ele buscou provar em seu discurso,

¹ “As mãos das testemunhas serão primeiro contra ele, para matá-lo; e depois as mãos de todo o povo; assim tirarás o mal do meio de ti”.

² BOSCH, David. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na Teologia da missão*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2009. p. 114.

³ BOSCH, 2009, p. 116.

⁴ PARSONS, Mikeal C. *Acts*. Grand Rapids: Baker Publishing Group, 2008. p. 104.

opuseram-se ao Espírito Santo.⁵ Logo, Estevão, por sua vez, está no outro lado, na linhagem dos que anunciam a verdade guiados pelo Espírito e que sofrem por ela ao longo desta história que passa pelo patriarca José, por Moisés, profetas e Cristo. Colocando os oponentes de Estevão do lado dos que rejeitaram a verdade, Lucas estaria, num tom anti-judeu, responsabilizando os judeus em geral pela morte de Estevão e, em paralelo, pela morte de Jesus? Não parece ser o caso, se considerarmos o perdão de Estevão. Este não permite reminiscências de um tom revanchista. E Além do mais, a Igreja de Atos é notadamente formada, não só por gentios, mas também por judeus conversos,⁶ sendo que Estevão mostra a si próprio e ao seu grupo como a parte “boa” da história judaica (e não opostos a ela). Ele e a igreja estão do lado de Abraão, que obedeceu o chamado de Deus, de Moisés, que conduziu o povo para fora do Egito, de Josué, que liderou o povo na conquista da terra prometida e introduziu nela o tabernáculo (7.44-45), de Davi, que achou graça diante de Deus (7.45-46), de Salomão, que edificou o Templo (7.47) e dos profetas. Há, sim, dois grupos distintos, mas tanto os maus quanto os bons são ainda judeus e ambos são destinatários do perdão divino.⁷

Também a pregação aos judeus na obra continua, embora um dos objetivos principais de Lucas em Atos seja mostrar como o Evangelho alcançou os gentios. Mesmo que os alcance, não é necessário que a pregação ao povo da antiga aliança cesse.⁸ “A igreja cristã não começou como uma entidade nova no dia de Pentecostes”, pelo contrário, ela é judia.⁹ Sendo assim, é significativo que a morte de Estevão esteja posta logo após o seu discurso aos judeus numa tentativa de convencê-los da salvação em Cristo.

Lucas, portanto, colocou Estevão na trilha de Cristo, que é a ainda a trilha dos que aceitaram o que Espírito Santo revelou ao longo da história. A seguir apresento uma tabela para melhor visualização deste paralelo. Repare que utilizo ambos os tomos da obra de Lucas (Evangelho e o livro de Atos) a fim de demonstrar que os paralelos entre os personagens foram construídos intencionalmente pelo autor.

ESTEVÃO	JESUS
<u>Acusados por falsas testemunhas:</u> At 6.13 “E apresentaram falsas testemunhas, que diziam: Este homem não cessa de proferir palavras blasfemas contra este santo lugar e a lei”.	Mc 14.56-57, 64; Lc 23.2 “E começaram a acusá-lo, dizendo: Havemos achado este pervertendo a nossa nação, proibindo dar o tributo a César, e dizendo que ele mesmo é Cristo, o rei”.

⁵ PARSONS, 2008, p. 107.

⁶ BOSCH, 2009.

⁷ PARSONS, 2008, p. 108.

⁸ BOSCH, 2009, p. 126.

⁹ BOSCH, 2009, p. 127.

<p><u>Levados ante o Sinédrio:</u> At 6.12 “investindo contra ele, o arrebataram e o levaram ao conselho”.</p>	<p>Lc 22.66 “E logo que foi dia ajuntaram-se os anciãos do povo, e os principais dos sacerdotes e os escribas, e o conduziram ao seu concílio”.</p>
<p><u>Tem o povo exaltado contra si</u> At 6.12 “E excitaram o povo, os anciãos e os escribas”.</p>	<p>Lc 23.18,23 “Mas toda a multidão clamou a uma, dizendo: Fora daqui com este, e solta-nos Barrabás”. “Mas eles instavam com grandes gritos, pedindo que fosse crucificado”.</p>
<p><u>Tem uma experiência de transfiguração</u> At 6.15 “Então todos os que estavam assentados no conselho, fixando os olhos nele, viram o seu rosto como o rosto de um anjo”.</p>	<p>Lc 9.29 “E, estando ele orando, transfigurou-se a aparência do seu rosto, e a sua roupa ficou branca e mui resplandecente”.</p>
<p><u>Rogam para ser recebidos no paraíso</u> At 7.59 “E apedrejaram a Estevão que em invocação dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito”.</p>	<p>Lc 23.46 “E, clamando Jesus com grande voz, disse: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”.</p>
<p><u>Pedem perdão pelos algozes:</u> At 7.60 “Senhor, não lhes imputes este pecado”. São as últimas palavras de Estevão.</p>	<p>Lc 23.34 “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. E, repartindo as suas vestes, lançaram sortes”. Jesus estava no monte da Caveira sendo crucificado pelos soldados.</p>

Depois de trazer esses tópicos, gostaria de dar destaque ao derradeiro ato de seguimento de Estevão a Cristo, que foi o perdão, e contrapô-lo ao ato de vingança do Sinédrio.

2

O tema do perdão e salvação ao perdido é proeminente em Lucas-Atos. E este perdão “se manifesta de formas que não fazem sentido para a mente humana”.¹⁰ Para Lucas, Jesus é o bom samaritano que cuida do judeu ferido, é o pai que ama tanto o filho rebelde que foge de casa quanto o orgulhoso de coração duro que fica. Ali vemos como um bandido recebe perdão na cruz mesmo sem a mínima possibilidade de demonstrar a conversão de seus atos maus; também os crucificadores recebem o perdão do inocente crucificado. Dessa forma, “Lucas-Atos torna-se um cântico de louvor à incomparável graça de Deus, derramada abundantemente sobre os pecadores”.¹¹ Lucas apresenta diversas

¹⁰ BOSCH, 2009, p. 140.

¹¹ BOSCH, 2009, p. 140.

situações de perdão e cada uma delas deve ter chocado a sensibilidade dos ouvintes de Jesus. Por isso, é em conformidade com o discipulado de Cristo que Estevão segue seu mestre em atitude de perdão igualmente surpreendente. Pois, inclusive para nós, é indigesta essa atitude do mártir. Como se pode rogar pelo perdão dos próprios assassinos? A história de Estevão em Atos ressalta o projeto de não-violência de Jesus¹² e da disposição em trocar a vingança pelo perdão.

Para Bosch, “a pacificação constitui um componente central do paradigma missionário de Lucas”.¹³ Não pode haver ódio no coração dos que tomam Jesus como exemplo e esta é uma mensagem que, ainda de acordo com Bosch, “permeia tanto o Evangelho quanto Atos [...] e culmina no relato que apresenta Jesus orando pelas pessoas que o crucificam (Lc 23.34), que encontra eco na oração feita por Estevão ao morrer (At 7.60)”.¹⁴

De difícil compreensão para a razão humana, o perdão de Cristo, visto no contexto da história de salvação apresentada por Estevão em seu discurso, é, no entanto, a mais sensata das opções em face da loucura da maldade humana representada pela fúria e ranger de dentes dos acusadores do diácono.

3

O Sinédrio representava os judeus que se arrogavam a capacidade de fazer cumprir a vontade de Deus. Eles sabem como se deve cumprir os mandamentos, como interpretar a Lei, como viver uma vida santa. E em seu programa Lucas apresenta como Jesus, o Filho do Homem, vem e eles o matam. Vem Estevão, mostra-lhes a dureza de seus corações e os coloca na linhagem dos que mataram os profetas de Deus, e eles matam também a este. E segundo a narrativa de Lucas, fazem isso por estarem cheios de si. Tapam os seus ouvidos e gritam porque estão endurecidos e incapazes de refletir e perdoar. Uma situação como esta foi magistralmente ilustrada por Dostoievski na cena do Grande Inquisidor, em *Os Irmãos Karamazov*. Limite-me a ilustrar a atitude vingativa do Sinédrio com um sumário desta passagem. Nela, o gênio russo descreve um encontro entre um velho inquisidor cristão e o próprio Jesus que havia voltado e agora operava grande salvação entre o povo miúdo. O velho manda prender Jesus e o coloca na sala de interrogatório. Mas o que se segue não são perguntas e respostas investigativas, mas acusações arrogantes do velho cheio de si. Ele acusa Jesus de ter posto a perder todo o seu próprio trabalho de salvação. Enganou-se ao ser perfeito e achar que o ser humano poderia ser perfeito seguindo seus passos.¹⁵ O velho acha que ele errou ao dar à

¹² BOSCH, 2009, p. 145.

¹³ BOSCH, 2009, p. 154.

¹⁴ BOSCH, 2009, p. 154.

¹⁵ DOSTOYEVSKY, Fyodor. *The brothers Karamazov*. New York: The Lowell Press, [s.d.]. p. 561. A tradução para o português é nossa.

humanidade a possibilidade de escolher o seguimento e discipulado que leva a esta salvação. “Confusão e sofrimento, então, vós causastes, sobrecarregando-lhes com muitas preocupações e problemas insolúveis”.¹⁶ Por isso, ele e sua instituição “corrigiram [...] erro”,¹⁷ e fizeram isso em nome do próprio Jesus. Muito mais eficiente estava sendo o método do velho e sua igreja, que representam uma instituição cristã envelhecida e enrijecida pelo tempo – que se assemelha aos ouvintes de dura cerviz de Estevão. Esta atraía a turba de infiéis pelo medo do inferno e, utilizando-se não do livre julgamento de seus corações e nem do amor, mas do mistério, dava-lhe salvação. “Eles não nunca podem ser livres, pois são fracos, viciosos, desprezíveis e rebeldes”.¹⁸ A este “mistério deveriam seguir cegamente, mesmo contra suas próprias consciências”.¹⁹ O velho mostra para Jesus o quanto foi custoso chegar a estes resultados, quanto sacrifício de líderes da cristandade que tudo deixaram em suas vidas para entregar-se em sacrifício a esta empresa de salvação do mundo. Tão custoso fora, que ele não está disposto a deixar que Jesus volte e estrague tudo com sua pregação de graça e liberdade. O perdão de Jesus poria tudo a perder, pois dissiparia o medo da morte e do inferno. Mas o velho não está inclinado a acreditar no poder desse perdão. Para ele, isto inauguraria, mais uma vez, uma era de lassidão e afrouxamento moral. O povo viveria a pecar na certeza de receber o perdão ao fim do dia. Enfim, o grande inquisidor mostra-se decidido a matar o seu réu no dia seguinte. E isso dura até o momento em que Jesus desmonta-o:

O velho ansiava que Ele dissesse alguma coisa, por mais amarga e terrível que fosse. Mas Ele, de repente, aproximou-se do ancião em silêncio e gentilmente beijou-lhe nos velhos lábios sem vida. Esta foi sua resposta. E o ancião estremeceu. Seus lábios se moveram. Ele foi para a porta, abriu-a, e disse para Ele: ‘Vá, e não volte mais... não venha nunca mais, nunca!’.²⁰

A sorte de Estevão é diferente da do Jesus de Dostoievski. Suas palavras haviam sido intrépidas demais, a ponto de cortar o coração dos seus acusadores. Mas demonstra a graça aprendida com o mestre. Estevão não tinha capacidade de perdoar os pecados por si, mas desejou para os seus algozes o mesmo perdão que Jesus estendeu a todos, inclusive a seus inimigos mais empedernidos.

Considerações finais

Concluindo, Estevão é o primeiro mártir cristão e, fazendo juz à origem do significado do termo mártir, uma testemunha de Cristo. Ora a testemunha não apenas fala do que aprendeu, mas também vive – por isso é também discípulo que deve imitar o seu

¹⁶ DOSTOYEVSKY, [s.d.], p. 559.

¹⁷ DOSTOYEVSKY, [s.d.], p. 562.

¹⁸ DOSTOYEVSKY, [s.d.], p. 556.

¹⁹ DOSTOYEVSKY, [s.d.], p. 562.

²⁰ DOSTOYEVSKY, [s.d.], p. 574.

mestre. Portanto, assim como a pregação de Jesus o colocou em oposição a certos poderes do mundo, também a pregação da testemunha. Estevão foi levado à inimizade com as lideranças judaicas por causa do que falou. Jesus sofreu por causa daquilo que pregou e fez. Assim também Estevão, que é discípulo não maior do que seu mestre. Por fim, se Jesus foi morto pelo perdão dos pecados de todos, inclusive dos seus acusadores, Estevão, em imitação, perdoou os que lhe faziam mal.

Referências

BOSCH, David. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na Teologia da missão*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2009.

DOSTOYEVSKY, Fyodor. *The brothers Karamazov*. New York: The Lowell Press, [s.d.].

PARSONS, Mikeal C. *Acts*. Grand Rapids: Baker Publishing Group, 2008.